

## Vale a pena terceirizar a implantação de florestas de eucalipto?

Walter Coelho da Rocha Neto<sup>1</sup>; Christiano Nascif<sup>2</sup>

Atualmente temos um total de 7,8 milhões de hectares de florestas plantadas no país, mas somente as áreas de eucalipto são de 6,9 milhões de hectares (IBGE – 2014), 88% do total. O cenário econômico da eucaliptocultura tem sido desfavorável aos produtores rurais. Insumos e mão de obra são os principais responsáveis pelos altos custos de produção. Já o preço da madeira pago ao produtor não tem sido corrigido de acordo com os custos, principalmente no setor siderúrgico, que impulsiona a maior fonte de mercado do eucalipto.

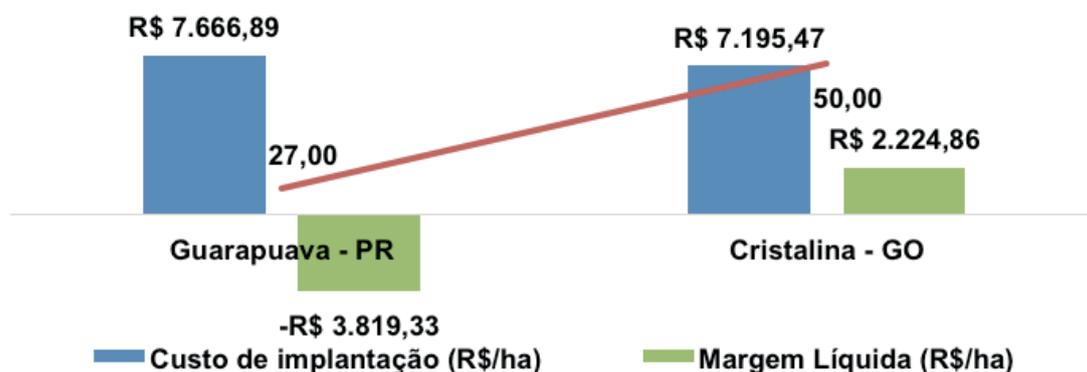
Em função das boas perspectivas para

a eucaliptocultura e a falta de conhecimento técnico da cultura por grande parte dos produtores, surgiram inúmeras empresas prestadoras de serviço na área de reflorestamento. Assim, surgiram dúvidas de silvicultores e produtores rurais interessados pela cultura sobre a viabilidade da terceirização.

O Campo Futuro realizou em 2016 o levantamento de custos em duas regiões com diferentes sistemas de implantação: Cristalina (GO), onde a implantação das florestas é realizada pelos produtores e Guarapuava (PR), onde os produtores fazem a terceirização de todas as operações.

Comparando os custos de todo o período de implantação entre as duas regiões em estudo, percebemos que há diferença de R\$ 471,42, por hectare implantado (Gráfico 1), na região paranaense, onde os produtores terceirizam toda a formação da floresta. Outro fator que deve ser levado em consideração é o nível de tecnologia. Além da terceirização que onera os custos de produção, o manejo adotado na região paranaense avaliada, em termos tecnológicos, é inferior ao dos produtores goianos, proporcionando menor produtividade.

Gráfico 1 – Comparativo de custos de implantação das florestas, incremento médio anual e Margem Bruta por área entre Cristalina (GO) e Guarapuava (PR)



Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

Desta forma, a terceirização das operações do plantio, ao comparar as regiões de Guarapuava e Cristalina, não é viável economicamente.

Os produtores paranaenses possuem maior custo com a implantação da floresta e a tecnologia empregada é inferior, quando comparado com os produtores

goianos, que possuem uma produtividade de quase que o dobro e consequentemente Margem Líquida da atividade positiva em R\$ 2.224,86 por hectare.

# A partir de que ano a heveicultura se torna rentável após o plantio?

O alto investimento inicial para se implantar um seringal e produzir borracha natural em escala comercial foi abordado em outras edições deste boletim, a exemplo da análise realizada na edição 13 dos Ativos da Silvicultura de 2016.

Analisando todo o investimento em terra, floresta, benfeitorias e máquinas necessários para se produzir um quilo de borracha natural, na região de Parapuã (SP), Gaúcha do Norte (MT) e Goianésia (GO), concluímos que são necessários R\$ 13,38, R\$ 12,64 e R\$ 6,74 respectivamente, correspondentes ao estoque de capital, quando as florestas já estão em fase de estabilização da produção.

O elevado investimento deve ser bem

planejado pelos produtores e consultores atuantes na área, para que o payback do investimento seja o mais curto possível, proporcionando lucro aos produtores na atividade.

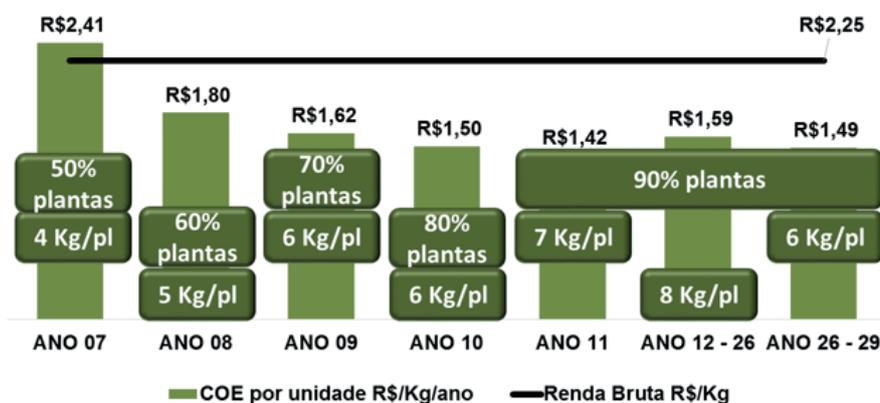
Além de todo o capital inicial para realizar a exploração da produção, os heveicultores devem ter capital de giro para pagar os custos de produção com os tratos culturais da floresta, custos com colheita e demais gastos da atividade. Sabemos que nos primeiros anos de exploração não são todas as plantas que possuem o diâmetro ideal para serem exploradas. Assim, cresce a porcentagem de plantas exploradas e também a produtividade com o passar dos anos de produção. Quanto mais intensificado o manejo dos seringais

com a nutrição, melhor é a uniformização das plantas da floresta e mais rápido é a estabilização da produção.

No Gráfico 2, Gráfico 3 e Gráfico 4, observam-se os custos operacionais efetivos das regiões em estudo em relação à renda bruta unitária, coletada no dia da realização dos painéis.

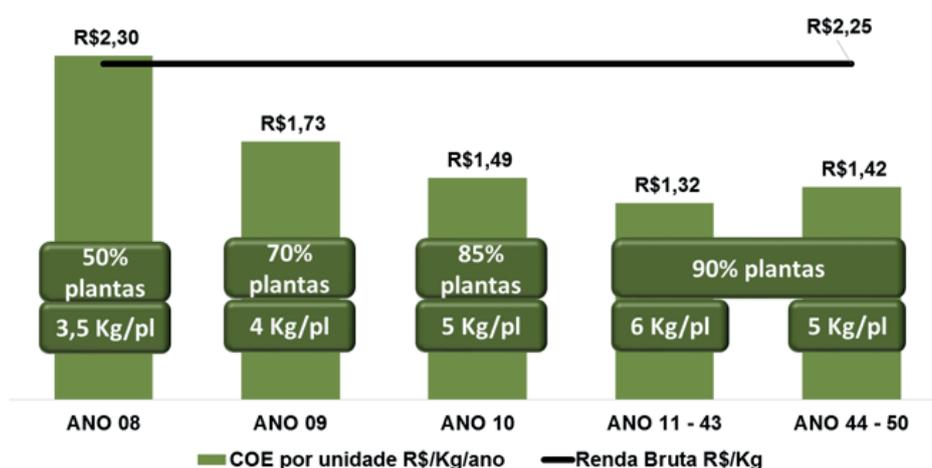
Nota-se que no primeiro ano de sangria - que nas regiões de Gaúcha do Norte e Goianésia ocorre no 7º ano após o plantio -, enquanto em Parapuã acontece no 8º ano após o plantio, o custo operacional efetivo supera a renda bruta. Este cenário persiste em Goianésia no 2º ano de sangria, em função do custo com mão de obra fixa contratada para realizar a sangria.

Gráfico 2 – COE (R\$/Kg), Renda Bruta por quilo (R\$/Kg), produtividade e percentagem de plantas em exploração ao decorrer dos anos no município de Gaúcha do Norte (MT)



Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

Gráfico 3 – COE (R\$/Kg), Renda Bruta por quilo (R\$/Kg), produtividade e percentagem de plantas em exploração ao decorrer dos anos no município de Parapuã (SP)



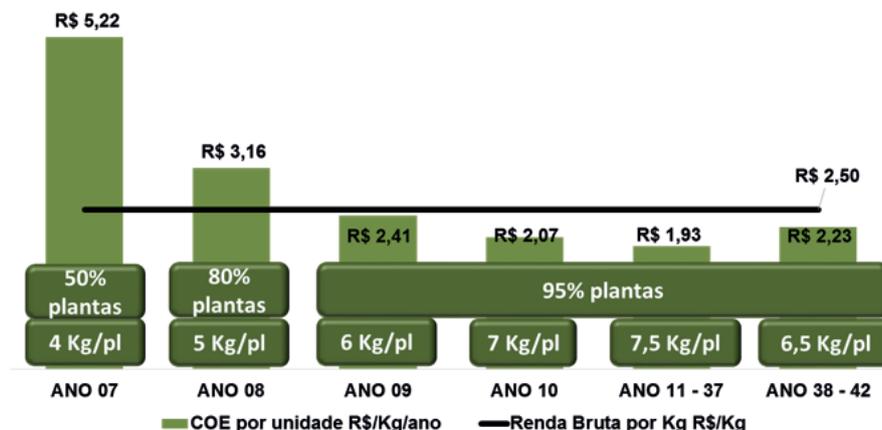
Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

Nota-se que em Goianésia (GO) a porcentagem de árvores em sangria se es-

tabiliza primeiro do que nas demais regiões, indicando alta uniformidade das

florestas em função da irrigação do seringal durante todo o primeiro ano.

Gráfico 4 – COE (R\$/Kg), Renda Bruta por quilo (R\$/Kg), produtividade e percentagem de plantas em exploração ao decorrer dos anos no município de Goianésia (GO)



Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

A conclusão a que se pode chegar com os gráficos apresentados é que o preço praticado atualmente pelo mercado não é suficiente para cobrir nem mesmo o Custo Operacional Efetivo (COE)

do primeiro ano de sangria em todas as regiões estudadas, estendendo-se ao segundo ano de colheita na região de Goianésia. O fato deve ser levado em consideração pelos heveicultores para

prepararem o seu fluxo de caixa para o início de exploração da cultura, que pode levar até duas safras para obter retorno financeiro.

## Diferenças nos custos da heveicultura em sistema de parceria ou trabalhadores contratados em carteira

Pela primeira vez o Projeto Campo Futuro realizou levantamento de custos da heveicultura da propriedade modal na região de Goianésia (GO), onde o sistema

predominante de contratação dos trabalhadores é pela Consolidação as Leis do Trabalho (CLT). Há grande expectativa em se conhecer os custos de sangria pelo re-

gime de CLT, que serão comparados logo em seguida com os custos das outras duas regiões em estudo, Parapuã e Gaúcha do Norte.

Tabela 1 – Custo com colheita por hectare, por quilo e percentagem da renda bruta em Parapuã (SP), Gaúcha do Norte (MT) e Goianésia (GO) no período de estabilização da floresta

Custos com Colheita - Sistema de Parceria				
Região	Produtividade (Kg/planta)	R\$/ha	R\$/kg	% da renda bruta
Parapuã - SP	6,00	2.345,07	0,87	35,0%
Gaúcha do Norte - MT	8,00	4.328,44	1,13	50,0%
Goianésia - GO	7,50	3.385,35	0,86	34,4%

Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

O custo com colheita mais o transporte interno da produção em Goianésia (GO), onde o sistema predominante é a contratação do trabalhador na carteira de trabalho, é de R\$ 3.385,35 por hectare, 44% mais caro quando comparado ao custo de Parapuã (SP), que é de R\$ 2.345,07 por hectare e 21% mais barato que a fazenda modal de Gaúcha do Norte (MT), que é de R\$ 4.328,44 por hectare, conforme Tabela 1. Analisando o custo por

quilo de coágulo produzido, podemos concluir que o custo com colheita mais o transporte é semelhante entre a região de Goianésia (GO) e de Parapuã (SP), onde há um sistema de parceria de 35% da renda bruta. Em relação ao custo por quilo de Gaúcha do Norte, é compensatório o sistema de contrato por carteira de trabalho, uma vez que 50% de toda renda bruta é destinada ao pagamento dos sangradores.

Desta forma, as duas principais regiões produtoras de borracha do país possuem custo com colheita muito semelhante por quilo de coágulo produzido, sendo maior o gasto por hectare da região goiana, indicando melhor remuneração dos trabalhadores. Porém os trabalhadores goianos são mais eficientes na sangria, uma vez que conseguem produzir 25% mais látex por árvore em produção.

# Viabilidade da condução de rebrota da eucaliptocultura

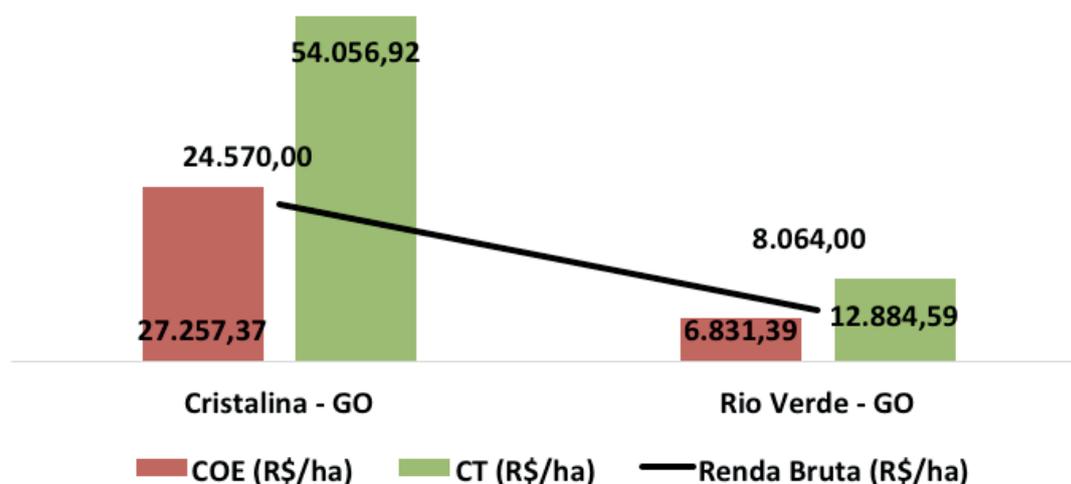
Com os preços atuais, muitos produtores de eucalipto não avançam suas florestas a um segundo ciclo produtivo e passam a utilizar a área onde antes era floresta com outros empreendimentos agropecuários mais rentáveis. Em 2016, o Projeto Campo Futuro realizou levantamentos de custo de produção da eucaliptocultura em quatro diferentes regiões produtoras

do país e somente em duas, Cristalina (GO) e Rio Verde (GO), as propriedades modais passaram para o segundo ciclo.

Logo no primeiro ano após a colheita, o produtor tem que realizar atividades da desbrota, adubação de cobertura e combate a formigas, manejos adotados nas duas regiões. Apesar das atividades

se concentrarem basicamente no primeiro ano após a colheita, a desbrota demanda grande investimento em mão de obra, gastando R\$ 400,00 por hectare na propriedade modal de Cristalina (GO), onde toda a operação é realizada pelos trabalhadores da propriedade. Já a propriedade modal de Rio Verde (GO) gasta na operação R\$ 1.200,00 por hectare.

Gráfico 5 – Renda bruta por hectare, custo operacional efetivo e custo total por hectare do segundo ciclo da região de Cristalina (GO) e Rio Verde (GO)



Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

No Gráfico 5 conclui-se que há uma grande diferença nos gastos acumulados de uma região para outra, em função dos produtores de Rio Verde não possuírem máquinas e implementos para a condução da floresta e terceirizarem todas as atividades da condução da cultura. Desta forma não possui nenhum custo com manutenção de máquinas e equipamentos, custo este que os produtores de Cristalina possuem, já que realizam todas as operações, em função

da maior área implantada para a cultura. A renda bruta cobre os custos operacionais efetivos nas duas regiões que conduzem o segundo ciclo, mas é inferior aos custos totais de produção, gerando prejuízo econômico de R\$ 29.486,92 e R\$ 4.820,59 em Cristalina e Rio Verde, respectivamente.

Mesmo com o excelente incremento médio anual do segundo ciclo da cultura em Cristalina, de 44 metros cúbicos

por hectare/ano e em Rio Verde de 28 metros cúbicos por hectare/ano, ambas as regiões possuem produtividade 10% menor comparado ao primeiro ciclo da cultura. Os preços praticados atualmente não tornam a condução do segundo ciclo viável e atrativa economicamente, tendo os produtores que fazer avaliação econômica para avançar, pois cada propriedade possui uma particularidade e um custo de produção diferente da outra. 🌱